

ENTREVISTA

Um pouco da história da museologia brasileira: entrevista com a museóloga Magaly Cabral

*Elison Antonio Paim**

Entrevista realizada em 20 de março de 2007 durante o XVIII NEMU - Encontro do Núcleo de Estudos Museológicos - realizado no município de Caçador SC, no qual foi ministrada a oficina "Museu, Educação e Comunicação" pela professora Magaly. A professora Magaly Cabral é pedagoga, museóloga, mestre em Educação e Museus.

Elison: Professora Magaly, gostaria que a senhora falasse um pouco de sua trajetória acadêmica, como foi se envolvendo com as questões dos Museus?

Magaly: A minha primeira formação é a de professora de Ensino Fundamental de primeira a quarta série no município do Rio de Janeiro. Como professora, sempre tive o hábito de levar meus alunos a visitar museus.

Em 1977, fui convidada para trabalhar na Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro (FEMURJ), vinculada à Secretaria de Cultura do Estado, para dirigir o Departamento Cultural. A Fundação compreendia 12 unidades museológicas (5 na cidade do Rio de Janeiro, 4 na cidade de Niterói e 2 no interior do Estado). A minha função, além de organizar concertos, seminários, palestras, era também a de agendar ônibus para grupos de escolares visitarem os museus. Refletindo que eu poderia fazer um pouco mais, propus aos museus, que preparássemos algum material sobre os mesmos para oferecer aos professores para que, após a visita, pudesse dar alguma continuidade em sala de aula.

Em 1979, fui, pela primeira vez, ao Congresso Anual do Comitê Internacional para Educação e Ação Cultural (CECA) do Conselho Internacional de Museus (ICOM), em Portugal. Nele eu confirmei o que já vinha percebendo sobre o campo de trabalho da educação em museus. Um campo muito importante, sério, de fundamental importância. Decidi então que realmente esse era o caminho que desejava seguir. Em 1979, eu havia iniciado a Faculdade de Comunicação e resolvi, então, me transferir para a Pedagogia.

Foi muito interessante que, durante o curso de Pedagogia, eu comecei a me questionar se realmente o meu trabalho seria num museu, um espaço elitista. Como era isso? Como professora, havia sempre trabalhado em escolas localizadas em comunidades carentes. E, naquele momento, estava a trabalhar num espaço bastante elitista. Mas as reflexões avançaram e comecei a me dar conta de que havia um trabalho a ser feito nos museus, porque depende de nós que trabalhamos neles para que sejam elitistas ou não. Nesse período, participei de um seminário em que conheci um museólogo do nordeste, Aécio de Oliveira, que falava de uma “museologia morena”, o que me encantou e vinha ao encontro das minhas preocupações. Então eu disse para mim mesma: é isso, é esse o caminho, uma museologia morena.

Elison: E o que seria essa museologia morena?

Magaly: Uma museologia que se voltasse para as questões do país, para a cultura do país, para o acervo do país. Uma museologia própria, sem buscar copiar a européia ou americana. Nessa época nem se falava ainda em nova museologia e o Aécio já falava dessa museologia que via o museu com sua função social. Também conheci Waldiza Russo Guarnieri que talvez tenha sido também uma das primeiras profissionais brasileiras a falar da função social do museu, a ver o profissional de Museu como um trabalhador social.

Quando terminei o curso de Pedagogia, a profissão de museólogo havia sido reconhecida. Alguns colegas que atuavam há anos na área da educação em museus tentaram ser reconhecidos

como museólogos, de acordo com a Lei, que permitia que quem tivesse cinco anos de trabalho em área técnica em museus podia ser reconhecido. Entretanto, não quiseram reconhecê-los, embora a Lei estabeleça o trabalho educativo como uma das competências do museólogo. Resolvi então fazer o curso de Museologia. Acho que foi muito positivo, não foi perda de tempo ter uma segunda graduação, pois enriqueceu o meu caminho, a minha trajetória.

Por fim, fiz o mestrado em Educação, tendo como objeto de estudo a educação em museus e, mais especificamente, a educação patrimonial.

Elison: Como é que você desenvolveu essa dissertação, como você trabalhou, o que você trabalhou, como trabalhou?

Magaly: Eu escolhi como local de observação o Museu Imperial, em Petrópolis. Quatro razões me levaram a escolher esse museu e a Educação Patrimonial.

Em primeiro lugar, algumas alterações conceituais sobre o objeto da Educação Patrimonial — de “ensino centrado no objeto cultural, na evidência material da cultura” passou a ser entendida como “uma proposta educacional centrada na matéria da cultura como fonte primária de conhecimento do mundo, da realidade; como fonte primária de aprendizado.”

Em segundo lugar, porque foi lançada no Museu Imperial, em Petrópolis, em 1983, pela museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta, sofreu uma interrupção a partir de abril/1985 e foi retomada a partir de 1991, quando sua introdutora assumiu a direção do Museu, inclusive denominando o seu Setor Educativo de Centro de Educação Patrimonial.

Em terceiro lugar, porque, embora os setores educativos de museus brasileiros sempre tivessem realizado e continuassem realizando as tarefas de formulação, estruturação e sistematização de atividades educativas, parecia-me que a Educação Patrimonial fosse a primeira e talvez única proposta que apresentasse uma metodologia, à exceção dos museus de arte. Não estava dizendo

que essa metodologia fosse a única válida nem que os museus brasileiros não desenvolvessem propostas de atividades coerentes. O que dizia era que não tinha conhecimento de outras metodologias.

Em quarto lugar, e talvez o mais importante, porque a Educação Patrimonial era motivo de questionamentos, conforme a própria autora, isso em 1994, e acredito que ainda seja.

Escolhi trabalhar com educação infantil porque acho que os museus, àquela época (1994), regra geral, davam pouca atenção a esse segmento escolar. Isso, acredito eu, por pensarem o museu como escola, ou como complemento da escola. Daí, como o aluno da educação infantil não necessita complementar conteúdos escolares, o museu não pensava em trabalhar com ele. Felizmente essa concepção do museu como complemento da escola ou mesmo substituindo-a (parece incrível, mas até isso foi pensado) já passou.

Elison: Como você vê a relação Escola/Museu? Na própria oficina, você fazia algumas críticas dessa relação da escolarização da ação educativa nos Museus, como você percebe isso?

Magaly: Eu acho que o museu perde quando ele se pensa como complemento da escola. Há um texto muito interessante da professora Maria Margaret Lopes, que recomendo, intitulado “A favor da desescolarização dos museus”. Embora seja de 1991, ainda assim acho recomendável sua leitura. Parece incrível, mas houve uma época em que o museu foi pensado como sendo possível fazer o papel da escola, tendo em vista a falência do sistema escolar. Ou, quando menos, compreendendo-se como complemento da escola.

Veja bem, não sou contra o museu desenvolver projetos específicos com uma escola, atendendo aos interesses curriculares do professor. E quero afirmar que penso a relação museu/escola como fundamental, criando mesmo parcerias, muito além de uma simples colaboração. Há diversas pesquisas de colegas brasileiros que demonstram que a maior parte das nossas crianças visitam um museu pela primeira vez levados pela escola, e não por seus familiares. E isso não se dá somente nas classes menos favorecidas.

Mas o museu tem sua especificidade. A começar, ele tem o objeto. E é com o objeto/exposição que ele deve trabalhar. O objeto permite partir do concreto para chegar ao abstrato; o objeto permite despertar curiosidade, interesse. Muitas vezes a educação em museu está preocupada, por exemplo, com a aprendizagem de datas, de nomes, etc. Não é isso o mais importante no museu. O pensamento crítico é mais importante. Estimular a reflexão, construir um olhar é muito mais importante.

O museu tem uma particularidade, não precisa copiar a escola. Por exemplo, na minha dissertação de mestrado, acompanhando o trabalho com a educação infantil, havia uma preocupação de perguntar às crianças se o relógio era alto, baixo, grande ou pequeno. Será que você não pode, com uma criança de 5 anos, desenvolver outras questões? Você pode, por exemplo, tratar da escravatura com uma criança de 5 anos?

Bruno Bettlheim questiona a possibilidade do público infantil atingir a percepção plena dos objetos de museu. Para ele, a importância do museu na vida da criança está na oportunidade que as exposições museais podem oferecer ao pequeno visitante de assombrar-se com a imensa diversidade das experiências humanas, de perceber, enfim, que existe um amplo horizonte de coisas a serem conhecidas e que estão muito além do seu alcance e que, por isso mesmo, vale a pena crescer e se desenvolver. Ao museu cabe a tarefa de provocar na criança “a sensação de assombro com as maravilhas do mundo”. Concordo com o autor quanto ao fato de não ser possível que o público infantil atinja a percepção plena dos objetos, mas percebo que é possível introduzir questões a partir de alguns objetos, sem que se pretenda discussões profundas.

A professora de uma das turmas que observei, no mestrado, na turma de educação infantil, provou-me isso. Ao entrevistá-la dias após a visita, contou-me que um aluno propôs que tivessem na sala uma cadeira igual a que tinha visto no Museu Imperial: uma rerete — cadeira onde se coloca um penico —, pois assim não teriam problema para ir ao banheiro. A partir dessa cadeira, a

professora conduziu uma discussão com as crianças sobre a limpeza do penico, quem iria fazê-la?; se há descarga nos banheiros, por que então fazer no penico? (trabalhando o antigo e o moderno); e, daí, a professora passou a quem limpava o penico na época do imperador e chegou à questão da escravatura tranqüilamente. O museu, entretanto, não fez isso.

Agora, voltando à sua pergunta, eu gostaria de enfatizar, na relação museu/escola, que considero importantíssimo buscar desenvolver parcerias com os professores, diferentemente de colaboração. O educador em museu tem que abrir mão de sua postura de que ele é quem conhece o acervo e o professor está ali presente somente para ajudar no sentido de que as crianças se comportem. O educador em museu deve compartilhar com o professor a construção do conhecimento no museu. Por isso acredito muito no investimento em realizar encontros com professores no museu — e não estou falando em treinamento, mas sim de encontro —, não só para que eles o conheçam, mas também para estabelecer discussões sobre a instituição museu, sobre educação, educação em museu e, principalmente, para que possamos ouvir o professor.

Elison: Gostaria que a senhora falasse um pouco das diferentes concepções que estão permeando a Educação Patrimonial hoje. Há concepções diferentes, diferenças de perspectivas de encaminhamento de metodologias?

Magaly: Acredito que hoje temos um consenso sobre Educação Patrimonial. Todos que trabalham com o patrimônio de modo geral ou com o patrimônio musealizado, estamos trabalhando a Educação Patrimonial. As metodologias serão as mais diferentes, de acordo com o conceito de educação, com a teoria educacional, etc, com o qual se trabalhe.

Durante muito tempo, havia pessoas que acreditavam que só trabalhava com a Educação Patrimonial quem seguisse aquela metodologia proposta no Guia Básico de Educação Patrimonial, de

autoria da Maria de Lourdes Parreiras Horta, juntamente com Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro.

Há uma explicação para isso. Deixe-me historiar um pouco a situação. Maria de Lourdes, como já disse, introduziu o termo em 1983, no Museu Imperial, no seminário “Uso Educacional de Museus e Monumentos”. Ela havia feito um *short course* em Exeter, na Inglaterra, voltado para a preparação de professores para trabalharem com monumentos. Resolveu adaptar o curso que fez para museus, organizou o seminário e, nele, lançou o termo Educação Patrimonial, traduzindo-o do inglês *Heritage Education*. Em seu texto de lançamento do termo, no seminário, ela dizia que “a definição de critérios, o desenvolvimento de princípios básicos e de uma metodologia específica têm atraído o interesse de todos que militam na área da Educação, principalmente dos envolvidos na Educação Patrimonial. Começamos assim por essa definição, já que o termo é novo (aliás, está sendo lançado agora, aqui, como uma tradução ...)”. O seminário foi um sucesso, uma novidade, realmente, e os participantes dele saíram encantados e pensando na aplicação da proposta.

Mas, em seguida, a Lourdinha foi para a Inglaterra fazer seu doutorado. E, aí, acho que a coisa da Educação Patrimonial ficou meio complicada, muitas vezes pensando-se que trabalhar com Educação Patrimonial era fazer teatrinho, vestir as crianças com roupas antigas e fingir que estavam vivenciando alguma situação do passado. Acho que houve uma má compreensão da proposta inicial.

Quando a Lourdinha voltou da Inglaterra, retomou a questão da Educação Patrimonial e começou a fazer um série de seminários, oficinas, principalmente no sul do Brasil, juntamente com a Evelina Grunberg, que hoje dirige o Museu da Abolição em Recife, Pernambuco. E isso se disseminou pelo Brasil, sempre com a proposta metodológica que ela desenvolveu, às vezes com algumas variações e introdução de novos conceitos e teorias educacionais, como por exemplo em Silveira Martins, no Rio Grande do Sul, com

Angélica Villagran e José Itaqui, a partir da oficina dada pela Lourdinha e pela Evelina, mas com contribuições consideráveis a partir de Vygostsky e o socioconstrutivismo.

Em seguida, a publicação, já citada, do Guia Básico de Educação Patrimonial, em 1999, pelo IPHAN e Museu Imperial, contribuiu mais ainda para a disseminação da metodologia proposta.

Entretanto, o que acho é que a Lourdinha e a Evelina se encarregaram de criar uma certa confusão, porque há textos em que elas se referem à Educação Patrimonial como um processo e há outros em que elas se referem à Educação Patrimonial como uma metodologia. Ora, ou é um processo ou é uma metodologia. Penso que todos nós que trabalhamos com a educação em museu ou com patrimônio no seu sentido mais amplo — material, imaterial, tangível ou intangível — estamos trabalhando com a educação patrimonial. O que vai variar, como já disse, é a metodologia, a partir do conceito educacional, da teoria educacional com os quais se trabalha. Poderá, então, haver metodologias adequadas ou não, pode-se estudar as metodologias. Aliás, foi exatamente o que fiz na minha dissertação de mestrado. Inicialmente, o título da minha dissertação de mestrado era “Lições das Coisas através da Metodologia da Educação Patrimonial”. À medida em que fui desenvolvendo o trabalho, mudei para “Lições das Coisas (ou Canteiros de Obras) através de uma metodologia baseada na Educação Patrimonial”.

Há uma colega, por exemplo, uma arte educadora, que foi responsável pela área educativa no Museu Lasar Segall e hoje é a sua diretora, Denise Grinspum, que acredita e trabalha com o conceito de Educação Patrimonial, ou seja, trabalha com o conceito de educação no museu a partir do bem cultural, mas aponta que a metodologia proposta pela Lourdinha não se encaixa num museu de arte. Aliás, eu diria que não se encaixa adequadamente ao objeto de museu. Penso que ela tem bons resultados, talvez, para o patrimônio em geral, para os saberes, para os fazeres, etc. De qualquer maneira, penso que a Lourdinha foi pioneira ao introduzir a reflexão, o que foi muito interessante.

Em 2004, a Gerência de Patrimônio Cultural do IPHAN promoveu um Encontro de Educação Patrimonial em Pirenópolis, Goiás, para se discutir Educação Patrimonial e apresentar projetos nessa linha. Houve uma mesa muito interessante, da qual participei juntamente com Lourdinha e Denise Grinspum, diretora do Museu Lasar Segall, e na qual discutimos essa questão da Educação Patrimonial ser proposta ou metodologia, se trabalhar com Educação Patrimonial seria somente utilizando a metodologia proposta por Lourdinha. Ao final, e por isso digo que acho que chegamos a um consenso, concluiu-se que Educação Patrimonial é um processo e que as metodologias poderão ser as mais diversas, e Denise Grinspum propôs que passássemos a denominar “Metodologia Horta” a proposta da Lourdinha e Evelina, que também estava presente no Encontro.

Gosto muito da definição proposta pela Denise Grinspum na sua tese de doutorado. Diz ela que “para contemplar as práticas educacionais de museus de quaisquer natureza, poderíamos pensar no conceito de “Educação para o patrimônio”, que pode ser entendido como formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar objetos de coleções dos museus, do ambiente natural ou edificado, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios com excelência e igualdade”.

“Educação Patrimonial” ou “Educação para o Patrimônio”, não importa. O que importa é entender que desenvolvemos formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar bens culturais, porque é isso que acontece, o visitante interpreta o bem cultural, constrói significados num processo de interpretação e atribui sentidos. Estimular a exercer a cidadania, a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar o patrimônio material e imaterial, esse deve ser o objetivo.

Particularmente, trabalho com os conceitos de Vygotsky que, baseado em reflexões sobre linguagem e pensamento e tendo sempre

presente na linguagem, no diálogo e na interação, sempre, o sujeito e o outro, considero socioconstrutivista.

Então, penso que é isso. Cada um vai trabalhar com a metodologia que lhe aprouver e Educação Patrimonial é um conceito mais amplo, e não somente uma metodologia. Acho que já é tempo de se esclarecer essa grande confusão que se fez. O Guia Básico de Educação Patrimonial existe, é sugestivo, mas não é o único.

Elison: Bom, eu gostaria que você falasse um pouco do seu trabalho como membro do ICOM. Você, como brasileira, participando das atividades, das reuniões ?

Magaly: Acredito que foi muito importante para mim, na minha formação, nas minhas experiências, ser membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e, particularmente, em sendo membro, afiliar-me ao Comitê Internacional para Educação e Ação Cultural (CECA).

Como já disse no início dessa entrevista, em 1979 foi a minha primeira participação numa conferência anual do CECA, em Portugal. A partir daí, sempre me virei para ir às conferências, pagava a passagem à prestação (risos!), comia só sanduíche durante a viagem, etc. Mas acho que foi um investimento muito importante: a relação com colegas de outros países, a troca de experiências, a troca de materiais, etc, e, ainda, perceber que, muitas vezes, os problemas são os mesmos. Eu me lembro que em 1979, nesse primeiro encontro, ouvi um colega da Bélgica reclamando que os professores levavam os seus alunos para visitar o museu, deixavam-nos lá e iam para o bar em frente tomar cerveja ao lado do museu.

Deixe-me explicar como funciona o ICOM. Para você se tornar membro, você pede sua afiliação através do Comitê Nacional Brasileiro (www.icom.org.br), deve ser apresentado por dois membros e pagar uma anuidade. O ICOM é aberto a todos os profissionais de museus. Ao tornar-se membro, você escolhe participar de um Comitê Internacional, que podemos chamar de “comitê de estudo”. Hoje, são 30 comitês internacionais: de

museologia, de educação, de segurança, de conservação, de museus universitários, etc. A cada três anos se dá a Conferência Geral do ICOM — nesse ano de 2007 será de 19 a 24 de agosto, em Viena/Áustria —, com a presença e três dias de encontro dos comitês internacionais. Nos dois anos seguintes, cada um desses 30 comitês se reúne em algum país.

Em 1995, quando Maria de Lourdes Parreiras Horta, Vera de Alencar (diretora dos Museus Castro Maya, no Rio de Janeiro) e eu compúnhamos a direção do Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, propusemos que os membros brasileiros se organizassem, no Brasil, nos comitês em que estavam inscritos e formassem grupos de estudo, sempre seguindo a orientação da direção internacional do comitê e do ICOM. Somente os membros do comitê internacional de educação, o CECA, se mobilizaram e constituíram o CECA/ICOM - Brasil. Uma colega de São Paulo, Adriana Mortara Almeida, hoje consultora em educação em museus e especialista em avaliação de ações educativas, assumiu a coordenação nessa época, e eu fazia parte da direção do CECA como coordenadora regional para a América Latina e Caribe. Adriana desenvolveu um trabalho excelente — e registre-se que, nessa época, não contávamos com correio eletrônico — e, desde então, apresentamos na conferência anual do CECA uma comunicação, um texto coletivo produzido pelos membros do CECA/ICOM - Brasil. É muito interessante acompanhar essa evolução, porque começamos, em 1996, apresentando uma comunicação na sessão da conferência intitulada “Mercado de Idéias”, em sete minutos. Em 2001, fomos convidados a apresentar nossas reflexões num tempo maior, de vinte minutos, e hoje é em torno desse tempo que vimos dispendo. Ano passado, por exemplo, o tema da conferência era “Avaliação de Ações Educativas” e fizemos um levantamento — evidentemente que não conseguimos atingir todos os museus brasileiros —, por meio eletrônico, dos museus que realizam avaliação das ações educativas e apresentamos essa pesquisa. Uma pesquisa que nos ajuda a apontar para os dirigentes a necessidade de um aporte para os profissionais

de museus sobre essa temática. Nesse ano de 2007, fomos convidados a apresentar, em Viena, a nossa metodologia de trabalho, como funciona o CECA/ICOM – Brasil, considerado por muitos colegas estrangeiros como um exemplo a ser seguido. Em 2004, a revista MUSAS – Revista Brasileira de Museologia, editada pelo Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU) do IPHAN/MinC, publicou o dossiê CECA – Brasil, contendo todos os textos apresentados de 1996 a 2003, além de uma bibliografia sobre educação em museus por nós preparada.

Depois de Adriana, a colega Denise Studart, do Museu da Vida/FIOCRUZ, no Rio de Janeiro, assumiu a coordenação e hoje, desde 2005, eu faço a coordenação. Em julho desse ano, elegeremos um novo coordenador. Também é importante registrar que a colega Sônia Guarita do Amaral, do Instituto Arte na Escola, em São Paulo, faz parte da direção do CECA/ICOM como coordenadora regional para a América Latina e Caribe desde 2001 e, possivelmente, Adriana poderá ser eleita, em Viena, para substituí-la.

Hoje, ao participarmos das conferências anuais do CECA/ICOM, percebemos que estamos par i passu com os colegas educadores em museus estrangeiros. Há uma qualificação dos educadores em museus brasileiros. É claro que não estou falando do Brasil como um todo, desse Brasil país continental. Falo de pessoas que estão envolvidas há muitos anos com a educação em museu, pessoas que seguiram se qualificando, fazendo mestrado, doutorado, ou mesmo pós-doutorado. Vejo um crescimento muito bom na nossa área.

Elison: Hoje à tarde, na oficina, você falava que existe um grupo de pessoas que tem se encontrado freqüentemente pensando a Educação em Museus. Como é a atuação desse grupo, é uma coisa mais formal, organizada?

Magaly: No Rio de Janeiro, há alguns anos, junto com Mário Chagas, iniciamos um movimento no sentido de realizar encontros de educadores de museus, no Museu Histórico Nacional. Mas após alguns encontros, o grupo foi se dissolvendo.

Recentemente, num seminário na Maré (ainda não havia sido criado o Museu da Maré), no Rio de Janeiro, eu, a Arilza de Almeida, do Museu do Índio, e a Luciana Sepúlveda, do Museu da Vida, cada uma apresentando trabalhos educativos, nos demos conta de que acabávamos por não conhecer os trabalhos dos colegas. Eu trabalhava, nessa época, na Fundação Casa de Rui Barbosa, vizinha ao Museu do Índio. Resolvemos fazer um encontro uma vez por mês, chegamos a fazer um no Museu da Vida, mas a proposta não foi adiante. Até que, um tempo depois, uma colega, à época do Museu da Vida, a Marcelle Pereira, resolveu retomar o assunto, juntamente com a Aparecida Rangel, da Casa de Rui Barbosa. A Marcelle coordena bravamente os encontros, está atuando brilhantemente. Hoje somos cerca de 30 educadores que se encontram mensalmente, num museu. Uma parte do encontro tem por objetivo apresentar as atividades do museu ou um projeto específico que esteja sendo desenvolvido, em seguida, a discussão de um texto previamente agendado e distribuído para o grupo. Em setembro, devemos organizar um encontro de educadores em museu no Rio de Janeiro. Esse grupo se denomina Rede de Educadores em Museus (REM – RJ) e o sonho é que em cada estado ou cidade haja um grupo desses para que se crie mesmo uma rede. Aqui em Santa Catarina, tenho notícias de que o Museu da Infância, da UNESC, criou o Grupo de Estudos sobre Museus (GEM).

Elison: Você, como uma batalhadora pela causa da educação em museus, o que vocêalaria para quem está iniciando — aquela pedagoga que está lá no museu, ou aqueles meninos da História, ou menino da Museologia que está iniciando. O que você diria para eles?

Magaly: Eu diria que, se pedagogo, se oriundo da História, ou mesmo de outras áreas, como é muito comum no Brasil, em primeiro lugar é preciso buscar conhecer a instituição museu, refletir sobre ela, buscar a leitura de textos de museólogos. Isso é muito importante. Estou falando até baseada em mim mesma, no meu

início. Quando eu não tinha feito museologia, eu sentava ao lado de museólogas e pedia que me falassem, me explicassem, me dessem textos para ler. Não estou falando para fazer Museologia, até porque não há cursos suficientes em todo o país. Mas que leiam textos e procurem refletir sobre a instituição na qual trabalham, o papel social dessa instituição. Porque, do contrário, acaba-se querendo replicar a sala de aula no museu.

Por outro lado, se é museólogo e vai trabalhar na área da educação em museus, buscar orientação e leituras na pedagogia, na área da educação. Não pode desconhecer teorias educacionais, conceitos pedagógicos.

Na verdade, e alguns colegas museólogos não gostam quando eu digo isso, pois discordam, acho que a Museologia deve ser na área da pós-graduação. Você é um pedagogo, um historiador, biólogo, arte educador, antropólogo, etc, e vai trabalhar num museu. Então você faz uma pós-graduação em Museologia. O museu é multi e interdisciplinar, ele precisa de todos esses profissionais. Museu não é espaço só de museólogos, é espaço de diversos profissionais. Felizmente, esse ano, na Universidade do Rio de Janeiro, passamos a contar com a pós-graduação em Museologia e, possivelmente, dentro de pouco tempo, esperamos, na Universidade de São Paulo.

Elison: Você tem mais alguma questão que gostaria de comentar?

Magaly: Eu gostaria de finalizar essa nossa conversa chamando a atenção para a importância do papel educacional do museu, qualquer que seja ele — nacional, regional, municipal, grande, médio, pequeno — ou sua tipologia.

O museu é, por natureza, educacional. Assim, como chama a atenção a museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos, ex-professora no Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, todas as funções de um museu devem ter a finalidade de educar — a conservação, a documentação, a comunicação — e, assim, a função educativa será melhor desenvolvida.

Devemos ter consciência, ainda, de que o museu é uma instituição cultural situada numa sociedade com uma estrutura contraditória e socialmente desigual e que, por isso, a educação no museu deve ser vista nesse contexto. Nesse sentido, podemos afirmar que a educação em museu tem uma ampla responsabilidade social e que o papel educacional do museu deve tornar-se parte das políticas culturais. E, dessa forma, o serviço educativo do museu deve ser composto por profissionais com formação ou, no mínimo, com interesse em se informar e se formar. O serviço educativo de um museu não pode ser espaço para aquele profissional que não se sabe em que setor encaixar.

Finalmente, para concluir, lembrar que, hoje, temos cada vez mais a consciência de que as respostas dos visitantes são diferenciadas em relação à experiência museal. E, por isso, nossas formas de mediação junto ao público devem ser muito bem pensadas, e sempre abrindo espaço para ouvir e dar voz ao visitante, trabalhando na perspectiva de uma educação dialógica.

Elison: Eu agradeço a sua disponibilidade, depois de um dia todo de trabalho se dispôs a gravar com a gente !

Magaly: Foi um prazer muito grande, nenhum cansaço. Ao contrário, uma honra participar dessa publicação tão conceituada. Só espero que tenha sido produtivo para vocês.

Elison: Com certeza, com certeza. Obrigado!

Notas

* Mestre em História pela PUC-SP; Doutor em Educação pela UNICAMP; Professor do curso de História da UNOCHAPECÓ e responsável pelo CEOM.